

Plataformas de *streaming* como dispositivos produtores de subjetivações: uma análise da série *We are who we are* da HBO MAX¹

Cesar Melo de FREITAS FILHO²

Diego Gouveia MOREIRA³

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE

RESUMO: A televisão funciona como um dispositivo e é responsável por processos de subjetivação que determinam os modos de interpretação da realidade. Há um debate nas mídias tradicionais sobre as questões de gênero e sexualidade com a reprodução de discursos que estereotipam as vivências de minorias políticas. Em contrapartida, há produtos que vão na contramão dessa simplificação e abordam de forma complexa o assunto. Este trabalho tem como objetivo analisar como a série televisiva *We Are Who We Are* cria novas subjetivações sobre as questões de gênero. Por fim, considera-se que a ficção seriada contribui para novos olhares sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivos de subjetivação; Séries; Gênero; Sexualidade; Streaming.

INTRODUÇÃO

We Are Who We Are é uma série dramática de oito episódios que retrata a vida de dois adolescentes americanos que moram em uma base militar na Itália. Um deles é Fraser, um jovem tímido e introvertido. A outra é Caitlin/Harper, uma pessoa extrovertida e destemida. Eles lutam para se encaixar em um mundo em que a identidade, a sexualidade e as relações interpessoais são complexas. A série aborda temas como amor, amizade, lealdade, família e a descoberta de si em um ambiente estrangeiro. *We Are Who We Are* é uma série que provoca reflexões sobre a adolescência e a experiência humana, em geral.

A obra de Luca Gaudino foca na relação dos dois personagens e como eles lidam com as questões de amadurecimento e identidade. Os personagens são um recorte da

¹ Trabalho apresentado no IJ - 04 Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante do Curso de Comunicação Social do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: cesar.freitas@ufpe.br

³ Orientador do trabalho e professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: diego.moreira@ufpe.br

geração Z⁴, que, em muitos momentos, questionam ideias tradicionais da vida enquanto desfrutam de uma juventude/inocência que parece eterna, mas não é. Além disso, também é problematizado o ambiente no qual os personagens estão inseridos para, em parte, lembrá-los das cobranças da vida adulta que se aproxima.

A série é ambientada, especialmente, na base militar e nas belas paisagens italianas, refletindo os sentimentos dos personagens centrais da obra, que estão em momento de descobertas ainda que se encontrem presos às determinações sociais tradicionais. Um dos pontos centrais da série é o questionamento do personagem Caitlin/Harper sobre sua identidade de gênero.

Stuart Hall (2006) aponta que a construção de imagens, símbolos, signos e significados na mídia tradicional é, majoritariamente, feita por binarismos que resumem e simplificam grupos culturais e excluem complexidades, tornando imagens que são culturalmente complexas em resumos vazios homogêneos.

Butler (2016) entende que a identidade de gênero é uma construção social e cultural e não uma expressão natural da biologia humana. A autora argumenta que a performatividade de gênero é uma prática que é repetida reiteradamente. O binarismo de gênero é mantido pela repressão de quaisquer performances que não estejam conforme as normas de gênero dominantes. Nesse sentido, a mídia desempenha um papel importante na manutenção das normas de gênero dominantes, uma vez que é uma das principais fontes de informação e entretenimento para a sociedade.

Com isso, a série aposta em uma abordagem inovadora do tema, isso porque não resume a personagem a estereótipos do assunto. Moreira (2021) aponta que tradicionalmente a mídia representa pessoas LGBTQIAP+ no humor e na violência, e que essas representações são na maioria negativas.

⁴ A chamada Geração Z (Z de Zapping) é uma nova geração, tendo surgido posteriormente à Geração Y. É caracterizada por pessoas que nasceram a partir de meados da década de 1990. É uma geração surgida conjuntamente com o avanço das novas tecnologias, acompanhando o novo mundo (pós-Guerra Fria), ou seja, o chamado mundo tecnológico ou mundo virtual. Essa convivência cotidiana com aparelhos tecnológicos acabou propiciando para que essa nova geração aprendesse a usar várias tecnologias ao mesmo tempo, como por exemplo: acessar a Internet, escutar música e assistir TV.

Com base no exposto, este resumo expandido problematiza como a série *We Are Who We Are* contribui para a constituição de novas subjetivações em torno de questões identitárias de gênero, além de questionar sobre como essas subjetivações são construídas.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada se caracteriza por uma abordagem qualitativa, na qual os dados foram analisados de forma descritiva e interpretativa. O discurso do programa foi analisado a partir da transcrição dos diálogos entre os personagens em torno da questão de gênero. Esses diários de observação buscaram relatar as novas subjetivações promovidas pelo discurso da série televisiva.

Dessa forma, foi realizado um levantamento bibliográfico relacionado aos estudos sobre gênero, sexualidade, discurso e subjetivação. Também foram acompanhados, em diários de observação com transcrição de cenas, os oito episódios da série. A partir dos dados coletados, concentramos nossa análise nos discursos presentes na série televisiva, particularmente nas subjetivações emergentes, identificando e examinando as diferentes formas de subjetivações que foram representadas nos discursos dos personagens a partir das construções sobre gênero, sexualidade e identidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando homens e mulheres são retratados de maneiras estereotipadas na ficção audiovisual, os papéis de gênero tradicionais são reforçados, havendo a possibilidade de influenciar como as pessoas se percebem e se comportam. Entretanto, a obra *We are who we are* apresenta novas fórmulas de representações e possibilidades de gênero que rompem com esses estereótipos. A série mostra personagens que não se encaixam nos papéis tradicionais de gênero retratados de maneira autêntica e complexa. E, ao fazer isso, a obra contribui para uma representação mais inclusiva e diversa, criando novas subjetivações.

Sobre isso, Rosa Maria Fischer, em "Cultura e Subjetividade na Contemporaneidade" (2011), explica que a subjetividade é influenciada por diversos fatores, como a cultura, a história, a sociedade e as relações de poder. No contexto das séries, é possível observar como elas refletem e produzem determinadas subjetividades, ou seja, formas de ser e estar no mundo, influenciadas pelos valores e ideologias presentes nas narrativas. Como aponta Fischer (2011, p. 42), "a subjetividade é construída através dos discursos, das histórias contadas, das imagens produzidas, das práticas sociais vividas".

Assim, ao assistir à série, o espectador estará exposto a uma diversidade de narrativas que podem influenciar a sua forma de pensar e agir. Com isso, a série se torna produtora de subjetivações através dos seus mecanismos de engajamento e interação. Como destaca a autora (2011, p. 57), "a interação é uma das principais formas de construção de subjetividade na cultura contemporânea".

Os seriados de televisão ou *streaming* são uma forma de entretenimento importante na produção de subjetivações. Eles refletem e produzem valores que moldam como nos percebemos e nos relacionamos com o mundo, exercendo um papel de dispositivo.

Segundo Michel Foucault (2015), dispositivos são estratégias discursivas e práticas materiais que permitem a articulação entre saberes e poderes na produção de subjetividades. Eles são compostos por diversas técnicas, procedimentos, instituições, arquivos, discursos e práticas sociais que se relacionam para produzir efeitos específicos nos indivíduos.

Os dispositivos são capazes de produzir subjetividades ao exercerem poder sobre o corpo e a mente das pessoas, moldando seus desejos, pensamentos e comportamentos. Eles estão presentes em todos os aspectos da vida social, desde a educação, saúde, justiça, até a produção de conhecimento e a construção de identidades. Com isso, podemos

entender que a mídia é um desses dispositivos, que possui grande influência nas construções de subjetivações e significações.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A construção de personagens complexos e a representação de temas controversos podem contribuir para a reflexão e a crítica social. Essas narrativas podem reforçar estereótipos e exercer um papel na reprodução de discursos opressivos e na manutenção de desigualdades sociais.

We Are Who We Are, na contramão, apresenta essas discussões de modo que complexifica o debate e constrói novas subjetivações a partir de um discurso que não minimiza as questões de gênero apresentadas pelas personagens a estereótipos opressivos. Esses discursos podem ser observados na forma em que as questões de gênero da personagem Caitlin/Harper são apresentadas.

A personagem vive, na série, questões que envolvem sua identidade de gênero. A personagem é apresentada como uma menina que está questionando sua identidade de gênero. Entretanto, não simplifica as questões relacionadas à transição em um resumo de existência trans, inclusive, não deixa claro se a personagem seria um homem trans ou mesmo uma pessoa não binária, ou se flui entre os gêneros. Isso é visto com muita naturalidade pelo personagem de Fraser, que chega a perguntar, após ser apresentado a Caitlin como deve lhe chamar.

Somado a isso, em uma cena do segundo episódio, a personagem se apresenta a uma pessoa usando o nome de Harper e esse personagem diz que esse é um nome de homem, em resposta, Harper explica que esse nome pode ser de muitas coisas.

Ainda no segundo episódio, Harper vive um momento muito individual que complexifica a história da personagem. Ela tem sua primeira menstruação. Esse assunto é abordado sem muitos tabus. A personagem chega a demonstrar um orgulho e, logo depois, decide sair para dançar, em uma espécie de comemoração. Esse fato é muito

importante, pois não simplifica a existência trans ao ódio ao corpo, que é comumente retratado em obras que abordam sobre existência trans.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar o papel das séries de TV na produção de subjetividades e na construção da identidade do espectador. É necessário estar atento à forma como essas narrativas são construídas e ao impacto que podem ter na percepção do público em relação a si e ao mundo ao seu redor.

Além disso, é importante estar alerta às novas formas de construção de narrativas capazes de criar dispositivos de subjetivação que reproduzem discursos mais adequados à vida de pessoas LGBTQIAP+, mulheres e outras minorias sociais, que foram historicamente invisibilizadas nas mídias tradicionais. *We Are Who We Are* cumpre esse papel de seguir com discurso que complexifica os personagens e foge de estereótipos clássicos sobre o assunto, criando a possibilidade de identificação e conexão entre os personagens e a audiência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Cultura e subjetividade na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 31. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MOREIRA, Diego Gouveia. **Liberdade de Gênero, programa do GNT, e a instauração de novos processos de subjetivação ligados à transgeneridade**. *Unisinos.br*, 2023, disponível em < <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/21569> > acesso em 25/04/2023.